
VILA NOVA DE SÃO PEDRO E O CALCOLÍTICO NO OCIDENTE PENINSULAR

1

Mariana Diniz · Andrea Martins · César Neves · José M. Arnaud

estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

Direcção: Ana Catarina Sousa
Série fundada por Vítor S. Gonçalves (1985)

22.

DINIZ, M.; MARTINS, A.; NEVES, C.; ARNAUD, J. (Eds.) (2024) – *Vila Nova de São Pedro e o Calcolítico no Ocidente Peninsular 1. estudos & memórias*, 22. Lisboa: UNIARQ/FL-UL. 408 p.

Capa: Povoado de Vila Nova de São Pedro. Foto: Projecto VN3000

Paginação e artes finais: Paulo Freitas
Impressão: Europress, Indústria Gráfica
500 exemplares

ISBN: 978-989-35113-1-2 / Depósito Legal: 529697/24
DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/63412>

Copyright textos e imagens ©, 2024, os autores.

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi livre opção de cada autor. Os autores são responsáveis pelos seus originais, respeitando a UNIARQ a sua autoria e não sendo responsável por quaisquer elementos que, de alguma forma, possam prejudicar terceiros.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDB/00698/2020) e UIDP/00698/2020 (doi.org/10.54499/UIDP/00698/2020).

Lisboa, 2024.

ÍNDICE

- 5 **INTRODUÇÃO**
- 7 **PREFÁCIOS**
- 17 **O SÍTIO CALCOLÍTICO DE VILA NOVA DE SÃO PEDRO (AZAMBUJA), ANTES E DEPOIS DE 1971**
Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves, Andrea Martins
- 41 **O NORTE DE PORTUGAL NO 4º E NO 3º MILÉNIO AC: PROBLEMÁTICAS EM 2021**
Susana Soares Lopes
- 95 **O CALCOLÍTICO NO ALTO DOURO. DINÂMICAS E USOS DO TERRITÓRIO**
João Muralha Cardoso
- 109 **HABITAR A ARQUITETURA. O CASO DO CASTANHEIRO DO VENTO NO CONTEXTO DOS RECINTOS MURADOS CALCOLÍTICOS**
Ana Vale
- 123 **NEW REFLECTIONS ON ASPECTS OF SO-CALLED PREHISTORIC "ARCHITECTURES"**
Vítor Oliveira Jorge
- 133 **FROM PEABAM TO NEOMEGA 2, 40 YEARS OF RESEARCH IN THE CENTRE AND NORTH OF PORTUGAL (1982-2021)**
João Carlos de Senna-Martinez, José Manuel Quintã Ventura, Elsa V. Luís
- 147 **O HIPOGEU DO CONVENTO DO CARMO (TORRES NOVAS). ESTRUTURA POPULACIONAL E REDES DE CONTACTO DE UMA COMUNIDADE CAMPANIFORME DA ESTREMADURA PORTUGUESA**
António Faustino Carvalho
- 161 **CAMINOS DE AGUA: EL RÍO TAJO ENTRE EL ATLÁNTICO Y EL EBRO DURANTE EL NEOLÍTICO FINAL Y EL CALCOLÍTICO**
Primitiva Bueno Ramírez, Rosa Barroso Bermejo, Rodrigo de Balbin Behrmann
- 185 **NA MARGEM ESQUERDA DA LEZÍRIA DO TEJO, NO 3º MILÉNIO A.N.E. (E, JÁ AGORA, OLHANDO TAMBÉM PARA A MARGEM DIREITA)**
Victor S. Gonçalves, Ana Catarina Sousa
- 221 **LECEIA, MOITA DA LADRA E OUTEIRO REDONDO: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS DE TRÊS SÍTIOS MURALHADOS DA ESTREMADURA PORTUGUESA**
João Luís Cardoso
- 241 **REFLEXÕES SOBRE O INSTRUMENTAL TÊXTIL NA ESTREMADURA PORTUGUESA NO FINAL DO 4º E NO 3º MILÉNIO A.N.E.**
Catarina Costeira
- 265 **ESCOURAL – O POVOADO CALCOLÍTICO E O SANTUÁRIO RUPESTRE TARDO-NEOLÍTICO. INFORMAÇÃO EMPÍRICA, PROBLEMÁTICAS E AS INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS**
Mário Varela Gomes

- 291 **DITCHED AND WALLED ENCLOSURES OF LATE PREHISTORY IN SOUTH PORTUGAL:
A BRIEF COMPARATIVE APPROACH**
António Carlos Valera
- 307 **O ALENTEJO ENTRE RECINTOS: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE O POVOAMENTO CALCOLÍTICO**
Leonor Rocha, Gertrudes Branco
- 319 **NUEVOS RECINTOS FORTIFICADOS Y CON FOSOS EN LA CUENCA MEDIA DEL GUADIANA
(ESPAÑA)**
Víctor Hurtado, Carlos Odriozola, Juan P. Asuar, Jesús Moreno
- 341 **THE CHALCOLITHIC "MEGA-SITE" OF VALENCINA DE LA CONCEPCIÓN (SEVILLE, SPAIN).
NEW INVESTIGATIONS IN THE NORTHERN SECTOR**
Thomas X. Schuhmacher, Alfredo Mederos Martín, Frank Falkenstein, Nils Ostermeier,
Charles Bashore Acero, Natalie El Dana
- 363 **LA EVOLUCIÓN DE LA CERÁMICA CAMPANIFORME EN EL YACIMIENTO DE LOS MILLARES
(SANTA FE DE MONDÚJAR, ALMERÍA)**
Juan Antonio Cámara Serrano, Alberto Dorado Alejos, Liliana Spanedda, Fernando Molina González
- 387 **NO CENTRO DO CENTRO DOS PERDIGÕES: O CONTEXTO DE DEPOSIÇÃO DE CABEÇA HUMANA
DA FOSSA 96 (2ª METADE DO 3º MILÉNIO A.C.)**
António Carlos Valera, Nelson Almeida, Lucy Shaw Evangelista, Anne-France Maurer, Cristina Barrocas
Dias, Rebecca MacRoberts, Sara Ribeiro, José Francisco Santos

HABITAR A ARQUITETURA. O CASO DO CASTANHEIRO DO VENTO NO CONTEXTO DOS RECINTOS MURADOS CALCOLÍTICOS

Ana Vale
CITCEM-FLUP/ ana.m.vale@gmail.com

Resumo: Este texto pretende abordar as múltiplas relações e ritmos que emergem na (e pela) arquitetura, entendida como integrante das práticas de habitação. Nesse sentido, procurar-se-á salientar, a partir do (e com o) recinto murado de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.N. de Foz Côa), a imersão das práticas de construção na vida de todos os dias, ou seja, analisar-se-á as diferentes relações entre o sítio e a vida das comunidades e dos seus territórios e de que forma a construção ocorreu sobretudo durante o “uso” ou habitação do recinto. O estudo do detalhe da arquitetura em Castanheiro do Vento aponta para o tempo sazonal e cíclico, provavelmente celebrado, acentuado e formalizado através de práticas de deposição intencionais, e para diferentes ritmos e duração da arquitetura – da construção que se demora à deposição mais ou menos rápida de coisas. Nesta linha de inquérito, perguntar-se-á como é que os objetos e as coisas adquirem diferentes configurações consoante as redes de relação, as correspondências e os locais específicos onde se encontram. Assim, e considerando diferentes contextos, pretende-se estudar a relação entre design do espaço e seus habitantes, e o fluxo de coisas, seres humanos e não humanos, em movimento, com a finalidade de sublinhar a habitação (a vida) na (e da) arquitetura.

Palavras-chave: Arquitetura; Vida; Temporalidade; Território, Castanheiro do Vento.

Abstract: This text aims to address the multiple relationships and rhythms that emerge in (and through) architecture, understood as part of the practice of dwelling. In this sense, it will highlight the walled enclosure of Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V.N. de Foz Côa) and the immersion of building practices in everyday life, i.e., it will analyse the different relationships between the site and the life of the communities and their territories as well as how construction occurred mainly during the “use” or inhabitation of the enclosure. The study of the detail of the architecture at Castanheiro do Vento points to seasonal and cyclical time, probably celebrated, accentuated and formalised through intentional depositional practices, and to different rhythms and duration of architecture – from slow construction that takes time to the rapid deposition of things. Through this line of enquiry, it will be asked how objects and things acquire different configurations according to their networks of relationships, correspondences, and the specific places where they are found. Thus, it intends to study the relationship between design and inhabitants, and the flow of things, of human and of non-human beings, in movement, in order to approach Castanheiro do Vento as living architecture.

Keywords: Living architecture; Temporality, Territory; Castanheiro do Vento.

1. INTRODUÇÃO

“The way we represent our buildings, shapes the way we build.”

Bêka & Lemoine (bekalemoine.com)

Ila Bêka e Louise Lemoine (arquitetos, realizadores e produtores) têm trabalhado novas formas narrativas e cinematográficas em relação à arquitetura contemporânea e urbana, através do registo visual dos processos de ocupação. Segundo o conceito *living architectures*, os autores abordam as múltiplas formas de ocupação dos edifícios, seguindo a vida dos seus habitantes – seres humanos, animais e coisas. A designação *living architectures* estará presente ao longo deste texto, ensaiando-se em diversas camadas de tradução. Assim, tem-se como objetivo apresentar o recinto murado de Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)¹ como arquitetura viva, como arquitetura que emerge durante a habitação e pelo uso, através de fragmentos (contextos) do sítio que permitem pensar as relações além muros entre seres humanos, seres não humanos e coisas. A análise à pequena escala, do detalhe, permitirá compreender linhas do processo histórico que possibilitaram a emergência dos contextos em estudo e que através deles se consolidaram.

Castanheiro do Vento foi um sítio habitado o que não significa que tenha sido um sítio habitacional. Isto porque a categoria de sítio habitacional liga-se ao espaço doméstico e o doméstico explica-se na arqueologia tradicional segundo espaços de residência familiar (família nuclear, monogâmica e heterossexual) mais ou menos permanentes, com áreas formalizadas onde ocorrem um conjunto finito de atividades. Esta perspetiva encontra-se enformada pela tradição do discurso capitalista, colonial e patriarcal do mundo ocidental (tal como é definido por Santos, 2020), e no qual ecoam as vozes das elites criadas pelo discurso arqueológico – os construtores e os arquitetos, aos quais se seguem os guerreiros, os caçadores, os metalúrgicos e os artistas – sendo o plural masculino aqui não apenas coincidente com as regras da gramática portuguesa, mas sobretudo porque os intervenientes criativos do e no passado são normalmente tidos como elementos masculinos (Vale, 2015). As linhas androcêntricas de análise do passado compreendem temas de estudo preferenciais, já apontadas por Montón-Subías e Hernando (2017) como estratégias de controlo e de apropriação, progresso, tempo sequencial e dominação. Assim, e na ausência de um entendimento partilhado das definições de doméstico, unidade habitacional e povoado em Pré-história Recente (necessariamente dependentes de análises contextuais), sublinha-se a ideia de que o sítio de Castanheiro do Vento terá sido um sítio habitado continuamente e em ligação com diversas atividades que seriam desempenhadas fora das linhas pétreas do sítio.

Apresentar o sítio como um sítio habitado permite pensar o design, o desenho criativo, que emerge pela prática, pelo uso, durante a habitação, durante a vida; esta análise está dependente das pequenas coisas e tenta compreender como é que a construção ocorre durante o uso. E isto significa pensar a relação entre o design e os seus habitantes. Significa pensar sobre os tempos e os ritmos do dia-a-dia e como estes se encontram em Castanheiro do Vento, sobre a construção de espaços heterogêneos que se ligam ao tempo cíclico e sazonal da vida. O detalhe da arquitetura arqueológica permite perceber as relações entre as práticas construtivas e as dinâmicas do dia-a-dia das comunidades, com o objetivo de compreender a habitação da arquitetura. O detalhe das arquiteturas pré-históricas apresenta-se necessariamente por fragmentos, por contextos, contendo a possibilidade de perguntar por ligações (que poderão ter sido de longa duração) entre o sítio e o território. Pressupondo a impossibilidade de representar o(s) edifício(s) pretérito(s), a planta geral do sítio apresenta-se como ferramenta de análise de possíveis relações estruturais, como peça do arquivo arqueológico e não como projeto arquitetónico inicial / prévio à construção. Inviabilizará esta abordagem o estudo comparativo dos recintos murados?

¹A intervenção arqueológica no sítio de Castanheiro do Vento teve início em 1998, coordenada por Vítor Oliveira Jorge, João Muralha Cardoso e António Sá Coixão. Posteriormente outros arqueólogos assumiram a coordenação das escavações arqueológicas: Leonor Sousa Pereira, Ana Vale, Gonçalo Leite Velho, Susana Soares Lopes, Bárbara Carvalho e Sérgio Gomes. Atualmente, João Muralha Cardoso e Vítor Oliveira Jorge dirigem os trabalhos de campo em Castanheiro do Vento. A bibliografia sobre o sítio é extensa e não será aqui referenciada de forma exaustiva por exceder os limites (temáticos) deste texto.



1. PRIMEIRO FRAGMENTO – O TERRITÓRIO

O primeiro fragmento poder-se-ia apelidar de fragmento cartográfico. Castanheiro do Vento foi estudado por J. M. Cardoso (2007 & 2020) à escala da paisagem. O autor definiu como território de análise uma área definida por limites geográficos: a Norte o Rio Douro, a Sul a Serra da Marofa, a Este a Ribeira de Aguiar e a Oeste o Rio Torto. Nesta área intensamente prospectada, caminhada, foram identificados 21 possíveis recintos murados (Figura 1), 58 sítios sem delimitação estrutural, 5 abrigos, 21 sítios com arte rupestre e ainda registadas 10 especificidades geomorfológicas (Cardoso, 2020). Atendendo a este estudo, 20% dos sítios identificados nesta área restrita podem tratar-se de recintos murados (Muralha *et al*, 2021). Os sítios assinalados datam genericamente da Pré-história Recente e incluem estações arqueológicas amplamente escavadas como Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge, 2005) e sítios apenas identificados em prospeção (Cardoso, 2020).

Este espaço foi também trabalhado tendo em consideração a delimitação subjetiva ditada pela área de visão a partir de Castanheiro do Vento (Lacerda, 2017; Soares, 2019). Reduzindo a área de análise àquela compreendida pelo campo de visão a partir do topo da colina de Castanheiro do Vento, é possível registar três recintos murados [Castelo Velho de Freixo de Numão (2); Zaralhôa (7) e Castelo Velho do Souto (19), figura 1] e um outro cujas características físicas do entorno poderiam ter sido identificadas visualmente desde Castanheiro do Vento [Castro de São Jorges (4), figura 1]. A distribuição cartográfica destes sítios e a sua relação com Castanheiro do Vento indica que este não é um sítio excecional atendendo ao tipo arquitetónico e implantação na paisagem, e não é um lugar central (Cardoso, 2020).

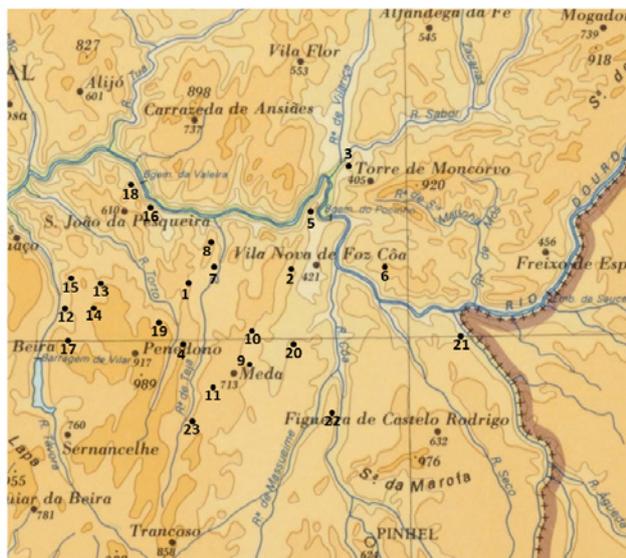


Figura 1 – Localização dos recintos murados nas bacias hidrográficas da ribeira da Teja e dos rios Torto e Côa: 1. Castanheiro do Vento; 2. Castelo Velho de Freixo de Numão; 3. Quinta de Alfarela; 4. Castro de São Jorges; 5. Castelo Velho de Monte Meão; 6. Nossa Senhora de Uros; 7. Zaralhôa; 8. Pitanceira; 9. Castelo Velho da Meda; 10. Montes; 11. Castelo do Nunes; 12. Castelo Velho de Paredes da Beira; 13. Castelo Velho de Trevões; 14. Reboledo; 15. Chão do Marganho; 16. Quinta da Abelheira; 17. Carapito; 18. Cerro do Bastião; 19. Castelo Velho do Souto; 20. Alto da Lamigueira; 21. Castelão; 22. Castelo dos Mouros; 23. Senhora de Vila Maior (in Muralha *et al*, 2020:94).

Castanheiro do Vento partilha uma paisagem, com um relevo acidentado (que potencia e que é acentuado pela diversidade de estratégias de ocupação), que ao longo do III milénio a.C. foi habitada através da construção de sítios com durações e usos diversos, e de forma expressiva, com outros recintos murados que provavelmente, à semelhança de Castanheiro do Vento e Castelo Velho de Freixo de Numão, terão sido sistematicamente visitados e mantidos ao longo de centenas de anos. Nesta paisagem, os recintos murados são os primeiros sítios que acentuam o carácter monumental de certas colinas, inscrevendo no território uma maneira de estar distinta das formas de construir/ocupar o espaço durante o IV milénio a.C. (Monteiro-Rodrigues, 2011; Sanches e Vale, 2020) e distinguem-se dos outros sítios habitados durante o III milénio a.C. pois, se por um lado, há registo de “usos” diferenciados de sítios cujas características geomorfológicas os distinguem (pelo menos visualmente) na paisagem, como a Senhora do Viso, ou sítios com arte rupestre que poderiam ter sido “visitados” ao longo do tempo por várias gerações, apenas

os recintos murados, nesta paisagem e neste território, irrompem como arquiteturas de permanência visualmente impactantes².

O movimento de monumentalização da paisagem encontra paralelos em diversas e distantes áreas geográficas europeias durante a Pré-história Recente. No entanto, este processo faz-se de diferentes formas e a diferentes ritmos e segundo estratégias distintas de “construção” da paisagem (e.g. Gebauer, 2020). No caso de Castelo Velho de Freixo de Numão a monumentalização da colina fez-se também acompanhar por uma gestão intencional da flora presente nas encostas de forma a dar maior destaque e visibilidade ao dispositivo construído e sua articulação com a colina (Jorge, 2002; Figueiral, 2019). Salienta-se ainda, a norte do rio Douro, o sítio de Crasto de Palheiros (Murça), único no seu território, o qual denota tradições de práticas construtivas anteriores, identificadas nos monumentos megalíticos presentes na “sua” paisagem (Sanches, 2008; Sanches e Vale, 2020). No entanto, o processo de monumentalização da paisagem não se esgota nas construções de muros ou outros dispositivos arquitetónicos de longa duração (e.g. Valera, 2020). Os fragmentos, os contextos de Castanheiro do Vento que se apresentam em seguida, fazem também parte deste processo histórico. A monumentalização da paisagem é uma negociação contextual, a diferentes escalas, entre o que está(va) para trás e as possibilidades do que virá (a partir de Ingold, 2022), acentuando-se a perspetiva de futuro (através da duração das construções ou da repetição/formalização de práticas ao longo de extensos períodos de tempo).

Castanheiro do Vento participa num território onde formas arquitetónicas semelhantes foram sendo construídas muito provavelmente de forma sincrónica. Mas não sendo um sítio único no território, é um sítio particular, singular e com singularidades, poder-se-ia dizer que com usos excecionais. No entanto, estes usos excecionais estão em relação com o ordinário; com a vida de todos os dias, marcados pelos tempos cíclicos e sazonais das comunidades de agricultores e pastores. Como estudar então uma arquitetura pré-histórica como arquitetura viva, habitada, que de forma extraordinária traz consigo a vida ordinária, mas que não foi singular num território que poderia ter sido partilhado pelas mesmas comunidades? Para isso, apresentam-se fragmentos, detalhes, do que está nos muros e entre muros de forma a estabelecer múltiplas relações entre a vida no sítio e fora do sítio, ou seja na vida com o sítio.

2. SEGUNDO FRAGMENTO – NOS MUROS

2.1. Deposição de ossos de animais nos muros

O sítio de Castanheiro do Vento é formado por três muretes concêntricos que delimitam um recinto principal (o Murete 4 parece seguir uma orientação distinta dos identificados anteriormente) e um recinto anexo (**Figura 2**). Estes dispositivos são intercetados por passagens ou entradas, num total de 19. Estas unidades encontram-se maioritariamente intencionalmente fechadas. Foram seladas em algum momento da vida do edifício sem que tenha sido possível determinar quais estariam abertas em simultâneo. O fecho de cada entrada estruturou-se, na maioria, tendo em consideração o alinhamento do muro; o fecho ocultou a passagem dando continuidade ao traçado do murete. Alguns contextos de fecho foram intervencionados (Cardoso 2007). O material osteológico identificado nestes momentos de fecho intencional foi estudado por Costa (2007) e sistematizado por Soares (2019). Destes, destacam-se (a partir de Soares, 2019: 50/51):

Passagem 4 – Localizada no recinto anexo (Figura 2), foi intencionalmente selada pelo enchimento estruturado de lajes de xisto. Do contexto interpretado como o fecho intencional da entrada, foram identificados três fragmentos osteológicos, dois correspondem a molares não queimados de *Bos sp.* Estes dois elementos apresentam diferentes níveis de meteorização (Costa, 2007:89), o que poderá indicar diferentes contextos e tempos de exposição dos mesmos antes da sua incorporação no depósito final.

Passagem 6 – Encontra-se localizada no murete 2 (Figura 2) e foi intencionalmente fechada.

² Esta estratégia de monumentalização da paisagem, no espaço geográfico aqui em estudo, vai-se consolidando através de processos de territorialização, segundo Cardoso (2020).



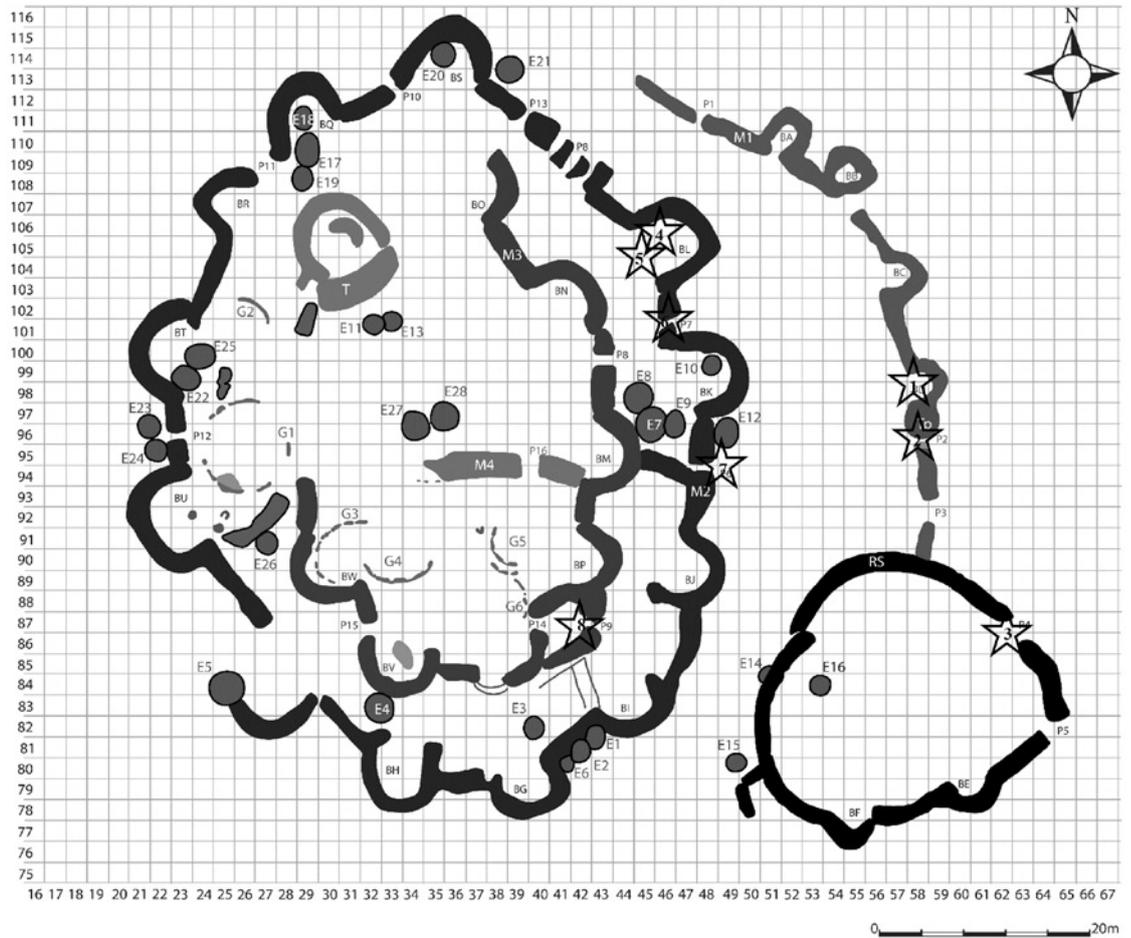


Figura 2 – Localização de todos os contextos analisados em texto sobre croquis das estruturas principais identificadas em Castanheiro do Vento até à intervenção arqueológica de 2015: 1. Bastião D; 2. Passagem 2; 3. Passagem 4; 4. Bastião L; 5. Grande Estrutura Circular 7; 6. Passagem 7; 7. Passagem 6; 8. Passagem 9.

Neste contexto de fecho foram recolhidos dois molares, não queimados, um de *Bos sp.* e um outro de um herbívoro não identificado.

Passagem 7 – Localiza-se igualmente no murete 2 (Figura 2) e também foi intencionalmente selada por placas de xisto; neste contexto recuperaram-se nove elementos de fauna dos quais foi possível a identificação de dois fragmentos de *Bos sp.*, um elemento de *Cervus elaphus*, um fragmento de *Ovis/Capra* e um outro de *Sus sp.*

Passagem 9 – Situa-se no murete 3 (Figura 2), parte de uma estrutura complexa de entrada, e em relação com a passagem 14. Na estrutura de fecho foi apenas registado um fragmento calcinado de *Sus sp.*

A incorporação de ossos de animais não ocorre apenas no fecho intencional das passagens. Este aspeto aparece de forma mais recorrente nestes contextos devido a questões arqueológicas de estratégia de intervenção – o fecho das entradas tem sido escavado, desmontado, enquanto que os muros ainda organizam o espaço (arqueológico) em Castanheiro do Vento. Outro caso paradigmático de articulação/deposição de ossos animais e momentos construtivos, localiza-se na parede norte do muro que perfaz o bastião D (Figura 2). Na face interna do bastião, integrados na parede pétreo, foram identificados dois carpais esquerdos de *Bos Taurus.*, possivelmente do mesmo indivíduo, um animal juvenil em articulação com um fragmento cerâmico e um elemento de moinho manual em granito (Costa, 2007: 65; Cardoso, 2007:284).

As pequenas coisas identificadas nestes momentos de construção (condenação de passagens e muretes pétreos) integram restos faunísticos. A maioria dos fragmentos permitiu a identificação da espécie animal, contrastando com os valores resultantes da análise da totalidade

da amostra de fragmentos osteológicos, onde apenas 5% do conjunto recolhido em Castanheiro do Vento permitiu a identificação da espécie (Costa, 2007), devido à elevada fragmentação dos restos osteológicos na sua maioria calcinados. Destaca-se ainda, nos contextos de fecho das entradas, uma forte presença de bovinos, coincidente com a presença constante desta espécie em contextos específicos (fragmentos de *Bos sp.* encontram-se em 75% dos contextos analisados, segundo Soares, 2019). No entanto, atendendo à distribuição geral de espécies animais identificadas (Soares, 2019 a partir de Costa, 2007), a espécie mais representada é o porco/ javali (*Sus sp.*), com 30%, seguido do gado bovino (*Bos sp.*), com 24%, o coelho (*Oryctolagus cunicullus*) com 18%, e os ovinos e caprinos (*Ovis/Capra*) com apenas 15%. Outras espécies identificadas apresentam números percentuais inferiores: cavalo (*Equus caballus/Equus sp.*), 7%; peixe (*Osteichthyes*), 3% e abetarda (Cf. *Otis tarda*), 2%. O grupo de ovinos e caprinos parece estar sub-representado, avaliando as potencialidades deste território para a criação de animais domésticos (a partir dos estudos paleoambientais desenvolvidos no contexto do recinto murado de Castanheiro do Vento por Soares, 2019) e atendendo a paralelos regionais, tratando-se da espécie mais representada no sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Antunes, 1995; Jorge, 2002).

Por conseguinte, a identificação de restos de bovinos em quase todas as entradas analisadas parece acompanhar a interpretação da deposição intencional de coisas selecionadas no momento do encerramento das passagens. Poderá também sugerir-se que distribuição de espécies animais em Castanheiro do Vento não informa necessariamente sobre as espécies de animais com as quais estas comunidades estariam mais familiarizadas, ou seja, não é um indicador linear das espécies mais consumidas ou dos animais preferencialmente domesticados, ou dos mais caçados, mas sim das espécies de animais preferencialmente trazidas para o local. Este aspeto está em estreita relação com a utilização do espaço em Castanheiro do Vento e inerentemente com a construção do espaço, uma vez que determinados (ossos de) animais foram escolhidos para integrar a construção, fazendo eles próprios parte da construção. Acresce dizer que os animais mais representados apresentam exemplos de todas as partes anatómicas (Costa, 2007) e nesse sentido não terá existido uma escolha ou seleção de partes anatómicas dos elementos trazidos para o sítio.

As deposições intencionais de ossos de bovinos remetem para estruturas de cuidado dos animais domesticados. O gado bovino pressupõe um grande investimento por parte das comunidades na criação destes animais, exigindo planeamento e antecipação (a partir de Sanches, 2016). A presença evidente de ossos de animais nas atividades construtivas indica naturalmente o tempo cíclico da criação e a sazonalidade dos nascimentos; e implica também estratégias de consumo e de armazenamento após o abate do animal, e de preservação e usos múltiplos de fragmentos ósseos, como matéria construtiva e constitutiva do local. A sua inserção nos muretes parece apontar para o movimento dos animais – diferentes dinâmicas e estratégias de “estar” no território – e diferentes características físicas e de relação com os outros (animais, seres humanos e coisas). Ao serem integrados nas paredes de Castanheiro do Vento, ao serem colocados em relação com conjuntos específicos de coisas, ativariam outras redes de ligação e significação.

2.2. Inserção de fragmento de laje gravada no Murete 1

Na face norte da passagem 2 (Figura 2) identificou-se uma laje de xisto com fusiformes (Jorge et al, 2003, Cardoso, 2007:287-289; Vale, 2011:55), também chamadas de “unhadas do diabo”, fragmento de um painel maior (Figura 3). Estes elementos gráficos terão tido uma longa diacronia na região, presentes desde o Epipaleolítico (Sanches e Teixeira: 2017). Este fragmento, escolhido para integrar a construção de uma entrada no Murete 1, marca este local e tal como os ossos de animais analisados anteriormente, não de forma visualmente impactante. A laje encontra-se no vão de entrada com a face gravada voltada para o exterior mas o vão estreito da passagem (0,65 m) não permitiria antecipar visualmente a presença das gravuras, e provavelmente as faces do muro e do vão de passagem teriam sido rebocadas com terra crua/argila. Assim, a colocação intencional desta laje gravada neste local preciso denuncia um cuidado construtivo atento ao detalhe. Este fragmento, nesta entrada, estabelece relações com outros espaços, com os espaços dos painéis gravados, e com outros tempos, com o tempo da gravação que pode ter ocorrido milha-



res de anos antes, conectando assim, a memória de um território com a construção de algo novo, ou seja, o próprio recinto de Castanheiro do Vento.

O carácter fragmentado ou a construção por fragmentos em Castanheiro do Vento parece, neste caso, ser sublinhado pela própria escolha das gravuras. Sanches e Teixeira (2017:23) referem que os motivos “unhadas do diabo” se articulam com a “ideia do inacabado, da gravura ou do painel inconcluso, ou mutável, aberto ao próximo gesto (...). A tónica parece situar-se no estar no sítio e fazer/marcar.” Este fragmento faz referência a um território e a uma memória que se incorporam no sítio, no entrançado de coisas com que se faz o sítio, estabelecendo relações e movimentos entre o que foi dito (o mito) e o que se quer dizer (negociação de futuro comum). Neste sentido, a incorporação deste fragmento na construção acentua a formalização de práticas de negociação da coesão social, provavelmente intergrupais; a possível fragmentação intencional de um painel gravado pode ter adquirido diversos significados, desde a destruição da ordem anterior à partilha da ordem aceite. A sua incorporação nas paredes de Castanheiro do Vento indicará a (de)marcação de territórios de habitação e de fundação ou de apropriação. No entanto, a história que teria sido contada por esta laje, a informação que nela se reteve, terá sido passada no momento da construção, pela construção, numa atividade partilhada e de partilha. Este movimento constante de incorporação do território nas paredes do sítio faz-se pela arquitetura, no momento em que se constrói.



Figura 3 – Laje com fusiformes ou “unhadas do diabo” identificada no vão de entrada da passagem 2, localizada no M1. Fotografia de Vítor Oliveira Jorge, 2002.

3. TERCEIRO FRAGMENTO – ENTRE MUROS

3.1. Restos carpológicos identificados no Bastião L e Grande Estrutura Circular 7

A área intervencionada nas campanhas arqueológicas de 2017, 2018 e 2019 procurou compreender as possíveis relações entre os três muretes que definem o recinto principal e perceber as dinâmicas construtivas entre muros (Muralha *et al*, 2018 e 2019; Muralha, Gomes e Jorge, 2020). Neste sentido, a escavação incidiu no arranque preservado do M1, a Norte; na área entre o M1 e a face externa do Bastião L, integrado no M2, e no espaço entre o M2 e o M3 com a escavação das estruturas: Bastião L e estruturas construídas totalmente ou parcialmente no seu espaço interno – Grande Estrutura Circular 7 e Estrutura Circular 30 – Bastião K e Estrutura Circular 33, Passagem 7, Muro 8, Estruturas Circulares 7,8 e 31. É de notar, sobretudo entre o murete 2 e 3, uma grande complexidade arquitetónica, assistindo-se a um construir ou refazer permanente do sítio, numa tendência de cercamento, fechamento, de forma concêntrica, acentuando o carácter imersivo do sítio (**Figura 4**).



Figura 4 – Complexidade arquitetónica entre o Bastião K do M2 (a este) e o Bastião M do M3 (a oeste). Em primeiro plano identifica-se o muro 8 que arranca do M3 e inflete para Sul em direção à estrutura circular (EC) 8. Regista-se um construir constante de estruturas que tendencialmente fecham, cercam, o espaço (2018).



Figura 5 – Muro do Bastião L, estrutura circular (EC) 30 e Grande Estrutura Circular (GEC) 7 (em primeiro plano) definida por lajes de xisto fincadas e dispostas em arco (2018).

A análise dos elementos vegetais (carvões e sementes) recolhidos durante estas três campanhas foi realizada por Rodrigues (2020). Segundo a autora, apenas na Grande Estrutura Circular (GEC) 7, parcialmente escavada, e no Bastião L (**Figuras 2 e 5**), se identificaram materiais carpológicos, sobretudo de *Quercus* sp. e cereais (*Triticeae*, *Triticum aestivum/durum* e *Hordeum vulgare*). Embora se possa dever a problemas de amostragem (Rodrigues, 2020:87), esta ocorrência pode indicar que certos elementos, como sementes de cereais, foram depositados, guardados, armazenados, utilizados, nestes espaços em particular e não noutros. Este estudo revelou também que no Bastião L e Estrutura Circular 7 não foram registadas ervas daninhas, normalmente associadas à colheita dos cereais, ou outros vestígios, como espigas, o que indicará que a colheita e a seleção dos grãos das plantas terão sido realizadas noutro local (também neste caso os dados podem ser afetados por problemas de conservação, Rodrigues, 2020:88 e 90).

Ao contrário da hipótese interpretativa apontada para o fecho das entradas, as pequenas coisas não terão sido intencionalmente depositadas na GEC 7, mas terão sido trazidas intencionalmente para o interior da estrutura, participando assim na sua construção, através, sobretudo do seu uso, da sua habitação. É na GEC7 que se concentram as sementes de cereais (Rodrigues, 2020), sobretudo de cevada e trigo, paralelamente ao registo de 7 cápsulas de estevas e 216 bolotas (a partir da recolha de 491 fragmentos de material carpológico). A presença de cereais poderá indicar ações de armazenamento ou destruição intencional (na medida em que o conjunto se encontra naturalmente queimado). A presença de cápsulas de esteva assim como de 44 elementos de esteva (táxon mais representado na análise antracológica referente à GEC 7) sugere o uso de madeira em atividades de combustão, ainda que as cápsulas de esteva possam ser consumidas e a esteva utilizada pelas suas propriedades medicinais. Em contextos localizados no interior da GEC foram ainda recolhidos cerca de duas dezenas de elementos de fauna aparentemente bem conservados (em estudo) nos quais se destaca 6 vertebras de peixe em conexão anatómica (tendo como único paralelo a recolha de 5 vertebras de *Alosa* sp. em conexão anatómica na GEC 1). Esta concentração de elementos/fragmentos de fauna e flora remete para práticas ocorridas essencialmente no exterior do recinto: sementeiras, recolha e colheita, separação e limpeza dos cereais, recolha de esteva ou atividades de pesca, conjugando, reunindo assim diferentes movimentos temporais inerentes às próprias plantas e animais e negociando (e provavelmente na GEC 7 controlando) a imprevisibilidade destes outros tempos ou ritmos de vida (das colheitas, das deslocações e migrações, dos nascimentos).

3.2. Cinco moinhos manuais no Bastião D

Também entre muros, no espaço definido pelo Bastião D, no Murete 1 (Figura 2) encontra-se uma estrutura definida por cinco dormentes em granito fraturados (Gaspar, 2004; Cardoso, 2007:285; Vale, 2010) (**Figura 6**). No interior foram recolhidos 32 fragmentos de cerâmica e 31 elementos de fauna, dos quais foi possível identificar: um fragmento de *Ovis/Capra*, um elemento de *Sus* sp., um fragmento de *Oryctolagus cuniculus*, um fragmento de animal de grande porte e 27 fragmentos inclassificáveis (Costa, 2007:66). Os fragmentos cerâmicos registados (Gaspar, 2004) no interior da estrutura circular não apresentavam indícios de seleção ou deposição intencional, ou seja, é impossível, no momento atual da investigação, relacionar estes pequenos materiais e os moinhos manuais que dão forma e são a própria estrutura. Como referido logo em 2005, “Neste contexto, estes moinhos não estão ali para moer, mas sim fazem uma referência metonímica ao acto de moer, de transformar o grão em farinha, e esta em pão. [...] Incorporando, desta forma, activamente os espaços habitados por esta comunidade.” (Jorge *et al*, 2005:30). A reunião e deposição destes elementos, a dada altura, num espaço particular, configuram uma nova dinâmica, participando na construção contínua do sítio de Castanheiro do Vento. Esta assembleia de coisas poderia, no entanto, remeter, transformar ou formalizar práticas, locais e intervenientes outros, contados nas histórias particulares de cada objeto. Neste sentido, coloca-se a hipótese de os moinhos manuais carregarem a memória de ações prévias ligadas a práticas quotidianas, por exemplo, de transformação/preparação/consumo de alimentos e apontar para outros locais, como o de extração da matéria-prima (do granito, distante alguns quilómetros do sítio) e espaços conectados com o cultivo ou recolha de grãos ou frutos. A reunião e deposição de vários

elementos, a dada altura, num espaço particular, configuram uma nova dinâmica, participando na construção contínua do sítio de Castanheiro do Vento.



Figura 6 – Estrutura de moinhos manuais identificada no Bastião D, durante a intervenção arqueológica de 2003. Fotografia de João Muralha Cardoso.

A estrutura de moinhos manuais encontra outros paralelos no sítio de Castanheiro do Vento, como no bastião A, J e F, e duas estruturas localizadas no interior do recinto principal, e registam-se moinhos manuais em outras arquiteturas, como nas estruturas circulares 5, 7, 8 e 21, e nos próprios muretes (Vale, 2017). O granito, proveniente de poucos quilómetros de distância, é incorporado na construção, faz parte da construção do sítio, sempre após a sua transformação, moldagem em moinho manual. Dormentes em granito fragmentados estão reunidos com outros materiais moldados e transformados como pesos de tear na elaboração dos muros (Vale, 2019). E acentua-se o movimento presente em Castanheiro do Vento de transformação das coisas. Os cinco dormentes em granito identificados no Bastião D já não são moinhos, e não são apenas materiais construtivos. São peças constituintes de uma narrativa sobre a forma de utilizar/estar (n) o espaço, num trabalho conjunto de gerações (a partir de Ingold, 2022). Estas ações/eventos incorporariam necessariamente (de forma mais ou menos formalizada) a comunicação das ferramentas necessárias para continuar a construir, a estar neste espaço. Porque o espaço foi mantido ao longo de centenas de anos, foi cuidado, foi sendo construído, foi-se fechando, reduzindo espaços abertos, foi-se cercando constantemente. A reunião e disposição particular destes cinco elementos, podendo fazer referência ao que teria sido e a outros espaços de vida, ativaria pela reunião e ato de deposição outros significados que poderiam encontrar na assembleia de moinhos manuais em círculo metáfora para a construção de outras ligações sociais (de vida).

4. PALAVRAS FINAIS

A apresentação fragmentada destes fragmentos – da deposição intencional de ossos de animais, a incorporação de elementos excepcionais e outros ordinários nos muros, a presença de cereais e outras sementes em contextos específicos entre muros, exemplificam como as pequenas coisas eram utilizadas para produzir espaço e são indicadores de, ou através delas emergem, redes de relações possíveis entre o sítio e outros espaços e tempos da vida do dia-a-dia, da qual faziam parte os espaços (em movimento) de cultivo, de cuidado dos animais, de caça, de extração de matérias-primas, de feitura de objetos, espaços de consumo e espaços de fragmentação, espaços de memória, espaços percorridos todos os dias, por uns e por outros, espaços acessíveis, outros restritos, espaços abertos e espaços fechados e espaços em transformação. É todo um território que se traz para dentro do sítio. E estes múltiplos espaços que se podem continuar a desdobrar, ligam-se a tempos e ritmos diferentes, o tempo de colheita, o tempo para nascer, o tempo para construir em terra, o tempo do que foi antes, o tempo para esperar. Em Castanheiro do Vento várias coisas apontam para uma utilização cíclica e sazonal do espaço e para os diferentes ritmos da própria vida.

E a própria duração e os ritmos de construção não terão sido iguais atendendo aos fragmentos apresentados, seguindo o trabalho de McFadyen (2007:348-354) para outros contextos. A arquitetura lenta, feita através do tempo, poderia ter juntado vários grupos no tempo longo, como a construção da base pétreia dos três muretes, onde se insere a laje gravada e os fragmentos osteológicos, a construção das paredes em terra crua, obrigatoriamente sazonal, ou a habitação, ou o “uso construtivo” da GEC 7, o qual pode ter-se demorado no tempo e adquirido diferentes configurações. A arquitetura que se demora, ou que demora a ser contruída (onde paralelamente se verificam processos de reconstrução ou destruição) coexiste com a arquitetura rápida, por exemplo, da deposição intencional de diferentes coisas, fragmentadas, como o fecho das passagens e a estrutura de moinhos manuais. E nesse sentido, a arquitetura de Castanheiro do Vento não é uma tarefa completa. Porque é uma arquitetura viva.

Para concluir, e no contexto desta publicação, é importante perguntar: a apresentação do sítio por fragmentos ou de forma fragmentada inviabiliza a comparação com outros sítios cuja planta arqueológica apresenta semelhanças formais? Não inviabiliza. No entanto, entender a arquitetura como emergente da habitação tem subjacente que: a forma não está associada à função e a mesma forma pode e com certeza teve usos distintos; a forma está dependente de diferentes formas de habitação que denunciam uma construção continua dos sítios; a forma emerge da articulação de diferentes coisas – de coisas que se fazem de forma distinta e se usam nos sítios de forma distinta, como as formas cerâmicas e a sua decoração; a forma depende dos distintos *modos de vida*; está dependente das diferentes memórias, de diferentes práticas construtivas que podem ter as suas raízes centenas de anos antes, de modos de fazer que persistem, se respeitam e se perpetuam. A forma depende do seu próprio uso, em relação com os territórios ou paisagens onde emergem, em relação com as formas de estar que a antecederam mas que permitiram a sua emergência, o que fará com que os recintos murados se abandonem ou transformem também de forma distinta (Vale, 2019).

Formas semelhantes podem ter sido partilhadas, comunicadas, pensadas e imaginadas através de extensos espaços (reais e imaginados), no entanto, a sua construção e habitação (que se confundem) atendeu ao contexto específico, particular, enquadrado pelas tradições, o que estava antes, e as possibilidades de futuro de cada comunidade/paisagem/território. São a materialização de uma das possibilidades possíveis. E nesse sentido, a construção/habitação terá ocorrido a diferentes ritmos e albergando diferentes usos. O tipo arqueológico “recinto murado” terá de referir-se a formas emergentes no estudo de trajetórias ou processos históricos a uma escala de análise ampla, contextualmente compreendidas como “arquiteturas vivas”, tendo sempre presente que a *forma como representamos a arquitetura dos recintos murados molda a forma como os interpretamos*.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Miguel T. (1995) – Jazida de Castelo Velho (Freixo de Numão): elementos arqueozoológicos. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. SPAE.
- BÊKA, I.; LEMOINE, L. (s/d) – <http://www.bekalemoine.com/project.php> (última consulta a 12 de maio de 2022).
- CARDOSO, João Muralha (2019) – Castelo Velho de Freixo de Numão, um Sítio, uma Paisagem. *digitAR, Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, Número Extra 1, pp. 51-93.
- CARDOSO, João Muralha (2020) – O Sítio Arqueológico de Castanheiro do Vento. Da Arquitectura do Sítio à Arquitectura de um Território. In J. M. Arnaud, C. Neves & A. Martins (Coord. Editorial), *Arqueologia em Portugal. 2020 – Estado da Questão*. Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM, pp. 913-924.
- COSTA, Cláudia (2007) – *Zooarqueologia e Tafonomia de Castanheiro do Vento*. Algarve, Portugal: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- FIGUEIRAL, Isabel (2019) – Castelo Velho : Um Projecto Comum de Arquitectura e Paisagem?, *digitAR, Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, Número Extra 1, pp. 97-110.
- GASPAR, C. (2004) – *Um Espaço específico de Castanheiro do Vento, (Vª Nª de Foz-Côa), A Estrutura D – Materiais e Ocupação*. Relatório de Seminário de Projecto, Licenciatura em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.
- GEBAUER, Anne B.; SORENSEN, Lasse; TEATHER, Anne; VALERA, António C. (ed.) (2020) – *Monumentalising Life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxbow Books.
- INGOLD, Tim (2022) – On not knowing and paying attention: How to walk in a possible world. *Irish Journal of Sociology*.
- JORGE, Susana O. (2002) – Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. *Revista Património/Estudos*, nº 3, IPPAR, pp. 145-164.
- JORGE, Susana O. (2005) – *O Passado é Redondo. Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*. Bibliotheca de Arqueologia 2. Porto: Edições Afrontamento.
- JORGE, Vitor O.; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor S.; COIXÃO, António S. (2003) – O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003. *Portvgalia*. Nova Série, vol. 24, pp. 5-24.
- JORGE, Vitor O.; CARDOSO, João Muralha; PEREIRA, Leonor S.; VALE, Ana; COIXÃO, António S. (2005) – Morfologia Construtiva do Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, V. N. de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas “estruturas de condenação”, *Al-madan*, II série, nº 13, pp. 25-25.
- LACERDA, Sofia (2017) – SIG e arqueologia: ensaio para a compreensão do Alto Douro do III e II Milénio a.C. *Estudos do Quaternário*, v. 17, n. 1, pp. 1-12.
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011) – *Pensar o Neolítico Antigo*. Mangualde, CPBA Estudos Pré-históricos, 18.
- MONTÓN-SUBÍAS, Sandra; HERNANDO, Almudena (2017) – Modern Colonialism, Eurocentrism and Historical Archaeology: Some Engendered Thoughts. *European Journal of Archaeology*, 21, pp. 1-17.
- MURALHA, João; GOMES, Sérgio; JORGE, Vitor O. (2020) – A Intervenção Arqueológica de 2019 em Castanheiro do Vento, *Côavisão* 22, pp. 155-162.
- MURALHA, João; GOMES, Sérgio; VALE, Ana; JORGE, Vitor O. (2021) – Topografias dos Recintos Murados da Pré-História Recente do Alto Douro: O Caso do Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova De Foz Côa). 2º Congresso Internacional Arquitetura tradicional no Mediterrâneo Ocidental, *Povoações Alcandoradas. Arquitetura e Paisagem*, pp. 94-99.
- MURALHA, João; VALE, Ana; GOMES, Sérgio; JORGE, Vitor O. (2018) – A Intervenção Arqueológica em Castanheiro do Vento: Campanha de 2017, *Côavisão* 20, pp. 73-84.
- MURALHA, João; VALE, Ana; GOMES, Sérgio; JORGE, Vitor O. (2019) – Relatório dos trabalhos arqueológicos em Castanheiro do Vento/2018. *Côavisão* 21, pp. 39-47.
- RODRIGUES, Mariana (2020) – *O uso dos materiais vegetais em Castanheiro do Vento, Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- SANCHES, Maria Jesus (2008) – *O Crasto de Palheiros. Fragada do Castro. Murça, Portugal*. Murça: Município de Murça.
- SANCHES, Maria Jesus (2016) – Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros. A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-history and Iron Age of Northern Portugal, In: R. Vilaça; M.



- Serra (Eds), *Matar a fome, alimentar a fome, criar sociabilidades. Alimentação e comensalidade nas sociedades pré e proto-históricas*, FLUC/CEPBA/Palimpsesto, Coimbra, pp. 85-108.
- SANCHES, Maria Jesus; TEIXEIRA, Joana (2017) – O Abrigo Rupestre da Foz do Rio Tua no Contexto da Arte Paleolítica e Pós-Paleolítica do Noroeste da Península Ibérica. *Portvgalia*, Nova Série, vol. 38, Porto, DCTP-FLUP, pp. 9-48.
- SANCHES, Maria Jesus; VALE, Ana M. (2020) – Connecting stories of the Neolithic in north-eastern Portugal: walled enclosures and their relationships with the genealogy of the landscape. In Gebauer, A.B., Sorensen, L. Teather, A. & Valera, A. C. (ed.) *Monumentalising Life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxbow Books, pp. 251-262.
- SANTOS, B.S. (2020) – *O Futuro Começa Agora. Da Pandemia à Utopia*. Edições 70.
- SOARES, Bruno (2019) – *Castanheiro do Vento – Vila Nova de Foz Côa – durante o III milénio a.C. Contributos para o entendimento contextual das espécies de animais recuperadas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- VALERA, António C. (2020) – Ephemeral and cosmological monumentality: the “strange” ditched enclosures of the Chalcolithic south Portugal. In Gebauer, A.B., Sorensen, L. Teather, A. & Valera, A. C. (ed.) *Monumentalising Life in the Neolithic. Narratives of change and continuity*. Oxbow Books, pp. 239-250.
- VALE, Ana (2015) – A Mulher e a Pré-história. Alguns apontamentos para questionar a tradição e a tradução da mulher-mãe e mulher-deusa na Arqueologia Pré-histórica. *Revista Conimbriga*, 54, pp. 5-25.
- VALE, Ana (2017) – Habitação, construção e “modos de usar” o espaço. A arquitetura de Castanheiro do Vento (V.N. Foz Côa). *Arqueologia e História*. Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 169-183.
- VALE, Ana (2019) – “Depositions, Assemblages and Relationships in Late Prehistory. The case of Castanheiro do Vento (Portugal).” in A. C. Valera (ed.), *Fragmentation and depositions in Pre and Proto-historic Portugal*. NIA, Era Arqueologia, pp. 31-45.
- VALE, Ana (2019) – Possibilidades para Pensar a Arquitetura dos Recintos Murados da Pré-história Recente. *digitAR, Revista Digital de Arqueologia, Arquitectura e Artes*, Número Extra 1, pp. 329-355.

